

FLIQ: um projecto libertópico

PATRÍCIA DE JESUS PALMA¹

Os livros (de *liber*, *-bri*, em latim) são o suporte visível de um mundo povoado por utopias. O FLIQ é mutuamente produto e fermento utópico. Mais do que um festival ou um evento pontual, o Festival Literário Internacional de Querença assumiu um carácter interventivo no domínio cultural e das representações sobre o território.

Respondemos, pois, à dimensão da cidadania cultural e humanizada que a «Cantata de Paz» de Sophia invoca: «Vemos, ouvimos e lemos / Não podemos ignorar». A responsabilidade de contribuir para a qualidade das relações entre o pensamento, a acção e o enriquecimento dos lugares não poderia ser alheio à festa das palavras², entendida segundo o ideal aristotélico de «poética», que concede à palavra o poder de criar e não apenas o de representar³.

O FLIQ acontece numa pequena aldeia do interior algarvio, rodeada por um património natural ubérrimo, já reconhecido como Paisagem Protegida. Querença, à beira-serra plantada, exerce sobre quem a visita uma atracção multissensorial e uma experiência estética simultaneamente reveladora e mágica.

Há quem lhe chame “área rural de baixa densidade”. Felizmente, a quantidade não se confunde com a qualidade... Ou, pelo menos, não deveria. É que no domínio das representações sobre os territórios de baixa densidade, os horizontes de expectativa continuam quase exclusivamente a restringir-se a ideias de práticas agrícolas e pecuárias ancestrais, fabricos gastronómicos artesanais e baixo dinamismo intelectual, criativo ou inovador. Acreditamos que o FLIQ introduz uma nota dissonante, uma outra fresta por onde olhar; ou, para sermos mais rigorosos, oferece uma outra «poética».

A edição de 2017 manteve-se fiel ao propósito de dar visibilidade a um conjunto diversificado de agentes e de instituições promotoras dos livros, das leituras, da literatura, do pensamento livre e crítico, trazendo a palco a cultura, enquanto compromisso cívico com a liberdade, com o diálogo e com a responsabilidade solidária. Dois temas essenciais conduziram a programação. Dedicámos o primeiro dia às questões relacionadas com a Serra e o interior, no enalço de Manuel Viegas Guerreiro⁴, e, ao terceiro dia, o dramático

1 Patrícia de Jesus Palma é investigadora integrada do CHAM-UNL/UAc, tendo integrado com Marinela Malveiro e Fátima Marques a comissão organizadora do FLIQ/17, presidida pelo saudoso engenheiro Luís Guerreiro.

2 Cf. ORR, D. – *Ecological literacy, education and the transition to a postmodern world*. USA: Un. N. Y. Press.

3 Cf. Aristóteles (384-322 a.C.) – *Poética*; trad., pref., introd., coment. e apêndices de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 142-146.

4 Assinalaram-se os vinte anos sobre o desaparecimento físico de Manuel Viegas Guerreiro com a estreia do documentário «Manuel Viegas Guerreiro: mestre do mundo», da autoria de Marinela Malveiro, peça integrante deste catálogo, o lançamento do livro de Luísa Martins: *Cadernos de Campo: Manuel Viegas Guerreiro – Moçambique, 1957*, e com um jantar-tertúlia evocativo, que reuniu amigos, ex-alunos e familiares do professor Manuel Viegas Guerreiro. Todas as intervenções deste dia lhe foram dedicadas.

tema das migrações afastou-nos das nossas zonas de conforto, lembrando que às humanidades não basta parecê-lo, é preciso sê-lo⁵. Nesse campo, a literatura assume papel preponderante, tendo como substância a própria condição humana. Teresa Rita Lopes, a autora homenageada desta segunda edição, é exemplo desta militância humanista no trabalho ensaístico, literário e cívico. O segundo dia do FLIQ foi-lhe inteiramente dedicado.

Contudo, o *Catálogo* não reproduz a ordem cronológica dos acontecimentos. Ele é um outro corpo. Engloba imagens, palavras e sons sobre o que se passou⁶, mas os textos ora reunidos clarificam a metamorfose da percepção daquele espaço «de baixa densidade» em centro de cultura, lugar e paisagem literárias⁷.

A nervura estruturante do *Catálogo* procura evidenciar o papel dos participantes na urdidura deste projecto relacional e reinterpretativo. Por isso, optei por organizá-lo segundo as várias etapas que, individual e colectivamente, constroem o FLIQ enquanto processo de cultura cidadã: CAMINHAR, ENCONTRAR, PENSAR, RECONHECER, TRANSFORMAR.

CAMINHAR: Querença não integra os fluxos de circulação usuais. É necessário escolher ir a Querença; pôr-se a caminho. Esta escolha é uma acção simultaneamente cultural, social e política e reinventa as práticas mais passivas do consumo cultural. Caminhar desoculta o espírito exploratório e criativo, estimula as informações sensoriais e críticas sobre o espaço, enriquece a observação e a partilha de ideias. A cada passada, o participante-caminhante descobre e descobre-se; enriquece a paisagem com novos e dinâmicos elementos: transforma-a. Relembro essa peça inaugural da estética da paisagem que é a magnífica epístola de Francesco Petrarca (1304-1374), relatando a experiência de subir ao Monte Ventoso, acompanhado pelo irmão e por um livro, as *Confissões de Santo Agostinho*, que no alto da montanha leu em voz alta. Movia-o a curiosidade de ver, de contemplar, coisa inédita nos anos de mil e trezentos e trinta... Da subida à contemplação, à leitura das *Confissões*, Petrarca descobria, afinal, os «olhares interiores».

ENCONTRAR: poderia resumir esta etapa com o ditado popular «Quem procura sempre alcança!». Chegados a Querença, encontramos-nos e conversamos. Reencontramos o poder

5 Leia-se a este propósito STEINER, George – *O silêncio dos livros*. Lisboa: Gradiva, 2006.

6 Veja-se no verso da contracapa o filme *FLIQ 2017: As Palavras*, da autoria de Marinela Malveiro e de Mário Lino.

7 Sobre estes conceitos, consulte-se AUGÉ, Marc, *Não-Lugares: introdução a uma Antropologia da modernidade*. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2012 [1992]; QUINTEIRO, Sílvia e BALEIRO, Rita – *Estudos em literatura e turismo: conceitos fundamentais*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Centro de Estudos Comparatistas, 2017; e sobre o conceito de estetização da paisagem COVAS, António e COVAS, Maria das Mercês – *A Grande Transição: pluralidade e diversidade no mundo rural*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

e o prazer da conversa num tempo de écrans, de monitores, de redes sociais virtuais e de comunicações à distância⁸. Encontramos um princípio de entendimento na pluralidade: são os encontros de Bem-Querência.

PENSAR: o FLIQ desafia-nos a dar vozes, corpos e gestos às palavras escritas, às imagens captadas e às experiências vividas. Procura pôr em cena a diversidade de registos, a variedade de pontos de vista e de actuações, as diferenças que simultaneamente nos singularizam e aproximam. O *Catálogo* retrata e amplia esse efeito e reactiva a leitura e a reflexão.

RECONHECER: quem compreende, reconhece. Teresa Rita Lopes foi a autora homenageada da segunda edição do FLIQ. O elevado significado da sua obra no âmbito do aprofundamento e divulgação da literatura portuguesa, em particular da obra de Fernando Pessoa; do seu papel enquanto «mestra» do dar e do ensinar a ler no sentido mais profundo do termo; do activismo cultural e cívico; da sua produção literária onde se distingue com uma voz singularíssima na poesia, no conto e no teatro, são razões conhecidas para o justo preito que lhe foi prestado. Os textos e a exposição que lhe são dedicadas prolongam o nosso reconhecimento.

TRANSFORMAR: não conseguiremos determinar todos os efeitos produzidos pelo FLIQ. Sabemos, porém, que este festival não se avalia em termos de afluência, apenas. O FLIQ é um lugar de fruição, de experiências que se iniciam muitos meses antes dos seus efémeros três dias e se demoram para além dele.

O FLIQ transforma o território em paisagem, cria uma outra imagética sobre o Interior e isso lembra, a quem tem a responsabilidade de gerir o território, que a paisagem é dinâmica e cultural e que o território não é uma estrutura invariável. Os problemas que afectam o Interior, sejam no Algarve ou em qualquer outra parte do país, dependem única e exclusivamente da relação que cada um de nós estabelece com o território e do sentido de transformação que lhe quer imprimir. O espaço, como sublinha Carlos Fortuna a propósito d' *O Direito à Cidade*, de Henri Lefebvre, não é uma coisa, não é a soma «física do conjunto dos seus edifícios. É muito mais a vida social, sensorial e emotiva que tem lugar entre eles, ou seja, que se experimenta nos espaços abertos, nas ruas, nas praças e nos encontros significativos [...]»⁹. É de cuidar do espaço, em espírito de partilha, de segurança e de amizade que, no fim de contas, tratamos.

O FLIQ dá lugar à inquietação, à reflexão-acção-reflexão, à imaginação e à negociação, à complementaridade, à Alegria. Envolve recursos, escolas e outros organismos de educação e de formação cultural, envolve a comunidade, activa afectos e saberes, alarga os horizontes intelectuais: sublima a realização cultural.

O FLIQ é uma ousadia, dirão. A realidade precisa firme e urgentemente de mais ousadias e de mais utopias, sobretudo das que nascem do rigor do conhecimento e da excelência da inventividade.

⁸ Sobre o valor da conversa na educação e na formação de opiniões, consulte-se o clássico TARDE, Gabriel – «A conversa», in *A opinião e a multidão*. Lisboa: Publicações Europa-América, Lda., 1991 [1901], p. 72-129.

⁹ In LEFEBVRE, Henri – *O direito à cidade*. Apresentação de Carlos Fortuna. Lisboa: Letra Livre, 2012, p.13-14.